

AUTOR:Rui Proença Garcia ¹

¹ Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção no Desporto, (CIFI²D), Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, Portugal

<https://doi.org/10.5628/rpcd.17.03.92>

Desporto de alto rendimento ou a busca dos limites humanos

PALAVRAS CHAVE:

Desporto de alto rendimento.

Limites humanos. Treino.

Vitória. Evolução.

SUBMISSÃO: 03 Dezembro 2017

ACEITAÇÃO: 20 de Dezembro de 2017

RESUMO

É objetivo deste ensaio analisar o Desporto de Alto Rendimento enquanto forma de busca dos limites do ser humano. Para tal, o autor apresenta argumentos da Filosofia e da Antropologia que se concretizam em argumentos do Treino Desportivo. A busca da perfeição (Aristóteles) e o treino como característica humana (Michel Serres) são metáforas da evolução da vida presentes no Desporto de Alto Rendimento. Porém, o autor distingue a busca dos limites humanos pelo Desporto da evolução dos seres vivos pela ética. Se na evolução dos seres vivos não há lugar ao bem ou ao mal, mas apenas adaptações, no Desporto essa busca está condicionada por exigências éticas que o eleva a uma atividade radicalmente humana. Conclui, realçando a justiça do Desporto de Alto Rendimento e do superior valor ético do treino.

High Performance Sport or the pursuit of human limits

ABSTRACT

The purpose of this essay is to analyse High Performance Sport as a way of searching the limits of the human being. In this sense, the author presents arguments of Philosophy and Anthropology that are materialized in arguments of Sports Training. The pursuit of perfection (Aristotle) and training as a human trait (Michel Serres) are metaphors of the evolution of life present in High Performance Sport. However, the author distinguishes the search for human limits by sport from the evolution of living being's through ethics. If in the evolution of living beings there is no place for good or evil, but only adaptations, in sport this search is conditioned by ethical demands that elevates it to a radically human activity. It concludes by highlighting the justice of High Performance Sport and the superior ethical value of training.

KEY WORDS:

High performance sports. Human limits.

Training. Victory. Evolution.

PREÂMBULO

O ser humano é fascinante! Pode ter o mais empedernido coração, mas emociona-se quando vê uma criança com fome ou a chorar. Emociona-se com um sorriso de um bebê. Emociona-se com uma canção, com uma bandeira, com uma obra de arte. Emociona-se com uma vitória do seu clube desportivo.

O ser humano emociona-se tanto com aspetos fundamentais da vida como com acontecimentos considerados periféricos para a sua existência. O desporto é o *locus* de muitas emoções, unindo classes sociais muitas vezes desavindas, pessoas com ideologias divergentes, homens e mulheres pertencentes a credos religiosos afastados ou a culturas e tradições longínquas.

Não é fácil ficar indiferente perante o desporto, seja diante da rivalidade clubística, com inúmeros excessos, ou diante a beleza incomensurável de modalidades onde a presença estética se faz sentir a cada momento. O desporto, em especial aquele praticado ao mais elevado nível, permite experiências pessoais distintas, situando-se numa esfera para além da vulgaridade do quotidiano, sendo muitas vezes uma verdadeira âncora existencial num tempo marcado pelo profundo vazio axiológico.

Já entra na trivialidade afirmar que o desporto é a coisa mais importante das coisas pouco importantes das nossas vidas. Porém, talvez tenhamos de redigir de novo esta frase porque não estamos certos que o desporto seja um facto pouco relevante da vida, tal a importância sociocultural que cada vez mais vai tendo.

É difícil mostrar indiferença perante uma tremenda elevação vertical de Cristiano Ronaldo, indo cabecear lá no alto uma bola que parecia estar só ao alcance de quem da lei da gravidade se libertasse. Também causa espanto perceber que Michael Phelps percorre piscina após piscina como se de um tritão tratasse. Mas não, são humanos que quiseram ir sempre mais além nas suas provas, não se contentando com o primeiro lugar, mostrando que há no desporto algo para além da vitória. Há uma incessante busca do *record*, de conseguir aquilo que até então nenhum outro humano ousou atingir, de tornar atingível o inatingível, de conquistar o absoluto que, afinal, já não o é ¹.

Não é só pelo desporto que se buscam os limites do humano, mas o desporto tem o condão de ser uma linguagem acessível a todos, de permitir algumas comparações, de se perceber a evolução dos feitos alcançados.

O desporto, nessa gloriosa busca do máximo humano, convoca muitos conhecimentos científicos, saberes da experiência vivenciada, sentimentos inexplicáveis e valores profundos a fim de tornar possível a sua trilogia paradigmática: *citius, altius, fortius*.

¹ É evidente que esta busca pelos limites deve ser considerada na diversidade humana, nomeadamente no que respeita ao sexo, e tipos e graus de deficiência.

Cabe ao Desporto de Alto Rendimento o crucial papel de evidenciar a importância humana da *performance* de natureza essencialmente física, mostrando o seu inestimável valor, fazendo perceber que é uma atividade nobre, pautada por valores de primeira água que emerge, qual *Nautilus* de Júlio Verne, do oceano de mediocridade que caracteriza muitas dimensões da vida hodierna marcada pelo avanço do niilismo.

O desporto do mais elevado nível competitivo é uma marca radicalmente humana que importa refletir. Reflitamos, então, o ser humano a partir do Desporto de Alto Rendimento.

A RADICALIDADE HUMANA

Hoje em dia, em alguns campos da nossa existência, há como que um menosprezo por algumas condições humanas, havendo quem faça ver que nada mais somos do que animais, comparando muitos dos nossos comportamentos a outras formas de vida. À sacralidade humana propalada durante muito tempo, contrapõe-se uma visão meramente biológica, como se fossemos simples animais como quaisquer outros².

Um dos argumentos vem da intimidade das nossas células, do ADN, que em quase tudo é igual à de alguns animais. Porém, a Torre dos Clérigos foi erigida por um ser humano, assim como foi a mão humana que pintou a Capela Sistina ou compôs a 9ª Sinfonia. Os aproximadamente 98%³ do ADN comum que podemos ter com alguns animais não permitem que estes resolvam problemas estatísticos ou se extasiem perante o cromatismo de uma aurora boreal. Só nós, radical e irremediavelmente humanos, com aqueles míseros 2% de diferença, é que partimos em busca do impossível, pensamos no antes e no depois da vida, contemplamos o desenho das nuvens, assistimos deslumbrados a um pôr-do-sol ou procuramos saber até onde podemos ir, potenciando ao máximo, através do treino, as nossas capacidades, perguntando pelos limites sem nunca ficarmos satisfeitos com a resposta.

A radicalidade humana repousa num fundo de permanente insatisfação, sendo o desporto um *locus* dessa busca eterna. Mais ainda, tem sido através do desporto que muitos limites surgem no nosso horizonte. Cada vez que um atleta se aproxima dessa linha, outra adiante se levanta a colocar um novo desafio à humanidade.

Nem todos os seres humanos têm capacidade para pintar como Pablo Picasso, mas este pintor mostra aquilo de que o ser humano é capaz. Da mesma forma, nem todos conseguem jogar futebol com a excelência de Cristiano Ronaldo, mas este jogador ilustra a capacidade humana de jogar futebol.

² Não cabe neste texto apresentar os argumentos sobre este reducionismo nem a sua crítica. Em Luc Ferry e Jean-Didier Vincent (6) encontramos a visão do «biologismo» e do seu contraponto, de natureza antropológica.

³ Escreveu Goerttler, já nos idos anos de 70, que *sob o microscópio eletrónico, já não há distinção entre as células de uma minhoca e a de uma rã ou do homem* (7: 166).

Escultura, música, poesia, futebol, religião, ciência e tantas outras atividades são manifestações resultantes de uma qualidade humana única, a cultura.

Com este *dom* conseguimos um feito extraordinário que é a imaginação. Em casa, no inverno, posso imaginar uma praia tropical cheia de sol. Numa pista, posso imaginar um animal feroz atrás de mim, ou um futuro risonho por via de uma vitória, o que faz com que corra o mais rapidamente possível. E permite ainda que depois conte essas histórias a outras pessoas que, se assim desejarem, poderão vivê-las com igual fervor e poder imaginativo.

Pela imaginação conseguimos ter sempre mais um objetivo, levando o limite mais para diante, e pelo treino, sim, pelo treino, podemos transformar o imaginado em algo tangível. O treino é o meio que nos abre as portas à concretização do imaginário. Glosando Michel Serres ⁽¹⁵⁾, *imagino, treino, realizo*⁴.

APROXIMAÇÃO A UMA DEFINIÇÃO DE DESPORTO DE ALTO RENDIMENTO

Não é tarefa isenta de escolhos tentar definir Desporto de Alto Rendimento. Há quem considere como sendo o desporto profissional ou próximo desse profissionalismo, quem se escude na legislação em vigor, quem o identifique com o treino diário a fim de se preparar para as competições, quem o identifique com participações em provas nacionais e internacionais e quem o veja como aquele desporto em que se busca a máxima excelência individual.

Seja qual for o ponto de vista, há uma evidência em todas estas perspetivas, a da elevada performance, o que implica uma otimização de inúmeros processos a fim de possibilitar alcançar o limite da capacidade da pessoa.

Porém, entendemos que este critério é amplo em demasia, albergando na sua definição um leque extremamente alargado de situações que podem não se adequar ao campo semântico da expressão “Alto Rendimento”, pelo que é justo formular a questão, retórica ou não, o que o Alto Rendimento Desportivo?

Com facilidade podemos responder: é aquela prática desportiva que pretende atingir os limites do ser humano, não os limites pessoais, de cariz individual, mas os limites da espécie humana. Definição polémica? Sem dúvida que sim, mas passível de uma argumentação em sua defesa.

Essa argumentação assenta em três pressupostos, um tripé que pode esclarecer o sentido último do Desporto de Alto Rendimento.

1º ARGUMENTO: DA FILOSOFIA

Ainda de forma prévia, entrevemos em Aristóteles uma possibilidade para diferenciar aquilo que por vezes surge ao nosso olhar como indistinto, e também para perceber que muitos dos temas atuais já foram discutidos há cerca de 2.500 anos.

Aristóteles, na sua *Política* ⁽³⁾, utiliza a ciência da ginástica como chave hermenêutica da ciência política, envolvendo quatro questões distintas (p. 613, nota de António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes):

Qual o **melhor** exercício em si (*tis aristen*)?

Qual o exercício que mais **interessa** a cada um (*sympherei*)?

Qual o melhor exercício para os que não pretendem atingir a **perfeição** (*teleia*) mas apenas manter o **hábito** (*dynamis*)? NB: levar o atleta a atingir a perfeição em função das competições gímnicas era tarefa do **mestre de ginástica** (*gymnastikes*); incutir em alguém o hábito de exercício físico apenas em vista da boa forma era função do **treinador físico** (*paidotribes*).

Qual o exercício que melhor convém à **maioria** (*panta*)?

Nestas questões, que guiaram Aristóteles para a sua análise política, notamos de imediato a distinção entre a performance máxima (**perfeição**) e a prática regular do exercício físico sem estar regulado pela ou para a perfeição (**hábito**). Tudo pode ser visto atualmente como sendo desporto, mas há a referência a dois mundos que não sendo diferentes podem ser vistos como diversos. A busca da perfeição é apanágio de uns tantos, estando como que interdita à maioria. Todos podem utilizar o exercício físico, mas só alguns buscarão com ele o primor da excelência humana.

Centremo-nos, a partir de Aristóteles, na busca da perfeição.

Platão, na sua *República* ⁽¹⁴⁾: fragmentos 352d-353c), diz que há uma excelência para cada coisa à qual se prescreve uma determinada função. Qual será a excelência do corpo humano? Como se poderá atingir essa excelência?

Associando Aristóteles a Platão percebemos que nos podemos mover por duas linhas complementares: pela capacidade relativizada a cada um, e pela capacidade absoluta do ser humano. Até onde posso ir? Até onde o ser humano (não propriamente eu) poderá ir? Em ambos os casos buscamos incessantemente a perfeição, que no primeiro caso diz respeito a um ser individual e no outro caso se refere à totalidade humana. “Eu tenho capacidade para correr 100 metros em 11 segundos”; “O ser humano tem capacidade para correr 100 metros em 9,58 segundos”⁵.

⁴ Mais adiante esclarecemos o sentido do pensamento deste autor.

⁵ Quando se diz que a chita consegue correr curtas distâncias entre 110 e 120 km/h não se está a referir a nenhum indivíduo em particular, mas à capacidade desta espécie animal deslocar-se a tal velocidade.

Ambas representam a perfeição, mas há uma clara diferença entre o plano pessoal e o plano do *anthropos*. Nem toda a busca pela perfeição pessoal configura a excelência do ser humano. Por outras palavras, nem todo o treino sério configura o treino de Alto Rendimento. Esta última forma de treino demanda a perfeição global do ser humano, enquanto o primeiro modelo se cinge à perfeição individual, por vezes – na maioria dos casos – afastada, bem afastada da máxima capacidade humana.

É, portanto, legítimo colocar a questão: até onde pode ir o ser humano? Já foi à Lua, poderá ir a Marte ou ainda mais além, pode correr 100 metros em tal tempo ou meter tantos golos numa época desportiva. É o limite da espécie humana, de que indubitavelmente fazemos parte, podendo o desporto mostrar alguns desses limites.

Com toda a certeza que serão muito poucos aqueles que correm 100 metros em menos de 10 segundos, como foram poucos os humanos que conseguiram ir à Lua ou como são muitíssimos poucos os arquitetos e engenheiros que conceberam e construíram arranha-céus com centenas de metros de altura. Mas “esses poucos” mostraram de que o humano é capaz. No que respeita às viagens espaciais, em Neil Armstrong repousa a humanidade. O seu feito ultrapassa a sua pessoa, adentrando no todo humano. O homem já foi à Lua! Não interessa quantos nem quantas vezes, mas sim o facto de um ser humano, representante da humanidade, ter caminhado no solo lunar.

O Desporto de Alto Rendimento tem assim um papel para além do êxito individual, da busca da excelência de cada um – importante, mas não decisivo – mas orientado para a busca das superiores qualidades do ser humano, conferindo-lhe uma apreciável dimensão antropológica. Conhecer o ser humano é também reconhecer as suas performances desportivas. A *9ª Sinfonia* é um êxito admirável. A *Guernica* é um quadro fantástico. A *Capela Sistina* maravilha católicos e não católicos. O *Taj Mahal* comove-nos. As *Pirâmides de Gizé* impressionam. *De que o homem é capaz!* O desporto também é digno de admiração, de nos maravilhar, de impressionar e de mostrar de que somos capazes.

Nem todos conseguem ser geniais como Beethoven, Picasso ou Miguel Ângelo, como nem todos conseguem elevar a condição humana através do desporto. Só alguns, mas esses representam a humanidade, e ao fazê-lo, como é convocado pela ideia de representação, tornam presente o todo humano. É por isso que *já fomos à Lua e corremos 100 metros em tão pouco tempo*. O pronome *nós* [de *nós todos*] está presente naquela única pessoa.

O Desporto de Alto Rendimento é, então, aquele desporto que busca o limite da capacidade da espécie humana, mostrando muito mais do que uma aptidão individual.

Como podemos descortinar em Aristóteles, há o exercício conveniente à maioria, que é ministrado pelo **treinador físico**, e há o exercício que busca a perfeição, sendo ministrado pelo **mestre de ginástica**. É evidente que temos de relativizar estas palavras ao conhecimento de há 2.500 anos, podendo, nos tempos atuais, encontrar as mesmas situações embora identificadas com outras designações. Porém, no essencial estamos perante as mesmas realidades.

Se há uma nítida especialização em áreas do desporto **hábito**, desde o treino com crianças, passando pela área do exercício e saúde inclusive com Pessoas idosas ou com deficiência, até às academias/ginásios da moda também voltadas para o importante campo da estética, é justo considerarmos a possibilidade que no desporto orientado para a **perfeição** tenhamos especialistas em treino de rendimento e especialistas em treino de **Alto Rendimento**, ou seja, pessoas que dominam uma importante panóplia de meios em busca do máximo humano. Enquanto os primeiros exercem o seu ofício no seio de uma população tendencialmente maioritária, os segundos intervêm com singularidades, ou seja, com um escasso número de atletas e afins que com os seus desempenhos elevam bem alto a performance físico-desportiva. Estamos no verdadeiro mundo da Alta Competição!

O treino, como tantas outras realidades da vida, possui uma pluralidade de formas e de sentidos, não deixando nunca de ser treino. Porém, as situações não são todas compagináveis. Há aspetos comuns e outros divergentes. No treino de Alto Rendimento temos de levar em devida consideração o conceito de absoluto. Aliás, na terminologia desportiva utiliza-se em algumas modalidades a expressão “Campeonatos Nacionais Absolutos”. Nesta forma de competição o relativismo pouco conta. O absoluto impõe-se.

Em suma, Desporto de Alto Rendimento é aquele que se orienta na busca do absoluto humano. Não interessa quantas pessoas já correram 100 metros em 9,58 segundos, mas apenas saber que já se correu esta distância nesse tempo.

É óbvio que não se reduz o conceito de Desporto de Alto Rendimento apenas àqueles que atingem o grau absoluto da performance, mas também a todos aqueles que participam diretamente nessa busca⁶.

Reconhecemos que é uma perspetiva tendencialmente elitista ou, pelo menos, demasiado redutora daquilo que vai sendo corrente, mas como em outras áreas da vida humana não podemos tomar como iguais situações diversas. O Desporto de Alto Rendimento é, efetivamente, para um número reduzido de pessoas e não orientado para todas aquelas que o pretendam atingir. Podemos dizer que estamos perante exceções humanas, tal como o podemos afirmar em relação à música, pintura, escultura, literatura entre tantas e tantas outras possibilidades da expressão humana.

Desta forma, às dimensões vontade, treino e recursos materiais variados, associamos uma outra importante dimensão, a capacidade intrínseca, de matriz natural ou, se preferirmos, biológica, que nos leva ao entendimento da justaposição entre fatores internos externos para se atingir a excelência do ser humano.

⁶Há que esclarecer que, por exemplo, o 50º classificado do ranking ATP participa nessa busca, enquanto o 50º classificado de um eventual ranking da Federação Internacional de Râguebi está muito afastado dessa participação.

2º ARGUMENTO: DA ANTROPOLOGIA

Muitas vezes o conceito de *desporto para todos* enferma de um paradoxo, que tem sido difícil de ultrapassar, que é o de desconsiderar o Desporto de Alto Rendimento nas suas preocupações. Ou seja, os melhores são excluídos pelo facto de serem os melhores.

Reconhecemos que após a democratização do país, surgiu um movimento para possibilitar a prática desportiva a toda a população, o denominado *desporto de massas*, que produziu dois discursos paradoxais em algumas ocasiões.

Dizia Pedro Almeida, no já longínquo ano de 1974, que *não há duas espécies de desporto: um para a massa, outra para a elite* (1, p. 37). Salienta ainda que a *prática de massa e prática de alto nível, são, pois, dois aspectos ESPECÍFICOS, mas INSEPARÁVEIS* numa mesma totalidade. Porém, para outros autores o desporto de alto-rendimento é uma expressão do capitalismo, o ópio do povo⁷, pelo que as políticas deveriam incidir no *desporto de massa*.

Faz lembrar um pouco as palavras de Aristóteles sobre Hércules que foi abandonado pelos Argonautas porque era superior aos demais tripulantes, ao que levou Periandro, respondendo indiretamente a uma questão de Trasíbulo, a cortar as espigas que ultrapassavam em altura as outras, nivelando todos por baixo (3, p. 241).

Ora, a história da evolução humana não é feita “por baixo”, mas, ao invés, por aqueles que em determinado momento se situaram num patamar superior de adaptação. A nossa grande história é, nesse caso, um produto dos *melhores*, daqueles que puderam e conseguiram ultrapassar os desafios que numa dada circunstância se colocaram aos seres então existentes.⁸ É uma história, passe a metáfora, de Alto Rendimento, onde apenas os melhores tiveram êxito. Nós, todos nós, somos herdeiros e continuadores de quem teve êxito, e só deles.

Torna-se óbvio que comparar o Desporto de Alto Rendimento a uma perspectiva de evolução encerra alguns perigos, dos quais assumimos os riscos. O tempo do desporto não é o tempo da evolução. São escalas bem diferentes. Por outro lado, o não êxito evolutivo – que para nós *nunca* aconteceu – teria como consequência o desaparecimento ou não aparecimento da espécie humana, enquanto o insucesso desportivo não é, felizmente, tão punitivo. Porém, podemos questionar se a busca dos limites através do treino já não contribuiu para a própria evolução da espécie humana, participando de alguma forma na grande aventura da seleção natural. Não temos quaisquer dados que possam validar esta possibilidade, até porque as eventuais consequências do treino na evolução só poderão ser avistadas no futuro.

⁷ Esta forma de pensar, exatamente com estas palavras, ainda subsiste como o autor teve a oportunidade de verificar num congresso internacional, onde se defendeu que o tema do desporto de alto-rendimento deveria ser banido dos cursos universitários, devendo estes abordar apenas os denominados desportos educacional e de participação.

⁸ É muito vasta a bibliografia que aborda a evolução das espécies que conduziu à existência humana. Aqui referimos apenas uma, um livro de Marvin Harris (10).

Percebe-se que o conceito de vitória na evolução dos seres vivos constitui-se numa antropomorfização da natureza. O conceito de vitória desportiva não é análogo à evolução da natureza dado que se funda numa axiologia e a natureza não possui essa capacidade. Assim, a nossa argumentação é de natureza metafórica, o que não invalida uma certa aproximação conceptual.

Por tal, adiante retomaremos este assunto referindo a dimensão ética que a busca do limite possui, que se plasma na vitória desportiva, o que é uma condição humana, radicalmente humana.

A evolução que se processa ou processou na natureza não é regida por princípios morais, de escolha entre o bem e o mal, que já de si poderão ser construções culturais e historicamente datadas (6).

É conhecida a posição de Charles Darwin sobre o sentido da evolução. Para ele, tal como se encontra assente na sua obra de referência, *como a seleção natural atua unicamente pelo bem e para o proveito de cada ser, todos os dotes corporais e mentais tenderão a progredir para alcançar a perfeição* (5, p. 364). Esta última palavra, perfeição, encerra em si um juízo de valor, humano, que dificilmente será equacionado pela natureza⁹.

Porém, desta metáfora resulta a ideia de uma similitude entre a evolução da vida e o desporto na sua busca dos limites, ou seja, nem todos – diríamos mesmo, só alguns – é que possuem capacidades para ultrapassarem os desafios impostos. Correndo o enorme risco de atribuir um sentido axiológico à natureza, desporto e evolução encontram aqui um denominador comum.

3º ARGUMENTO: DO TREINO

Este terceiro argumento deve ser entendido como uma síntese dos anteriores, ou seja, uma justa reunião do pensamento filosófico com um entendimento evolutivo de cariz antropológico. É por esta junção de saberes que queremos tentar responder à pergunta “quais os limites do ser humano?” Duvidamos que possa existir uma resposta clara e inequívoca para esta questão. Em cada momento se julga que se atingiu o limite das capacidades humanas. Há discursos nesse sentido desde o século XIX, enfatizado com algumas declarações aquando da obtenção de alguns recordes mundiais, especialmente no Atletismo, que posteriormente são ultrapassados e mais uma vez se declara ter alcançado os limites¹⁰. Obviamente que o homem terá limites. Haverá um metafórico *zero absoluto* humano, inultrapassável por defi-

⁹ É justo reconhecer que num passo anterior desta sua obra, Darwin é mais prudente neste enunciado.

¹⁰ Apenas para documentar esta ideia, podemos relembrar o fantástico nadador norte-americano que nos Jogos Olímpicos de 1972 disputados em Munique venceu 7 medalhas de ouro, Mark Spitz, feito só ultrapassado recentemente por Michael Phelps. Pois bem, a marca que valeu o ouro em 1972 na prova de 100 metros livres, 51,22 segundos, à época recorde do mundo, situar-se-ia nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro no 51º lugar das eliminatórias. O atual recorde de Portugal é de 49,50 segundos, bem superior ao alcançado em Munique.

nição. Mas, no ser humano, ao contrário da Física, não é possível determiná-lo em laboratório, só sendo possível encontrá-lo pela ação. E essa ação chama-se treino. Ora, o ser humano só sabe qual é o seu limite se treinar e competir, ou seja, se agir.

Por esta perspetiva, só pelo treino é que conseguiremos, de facto, conhecer os limites reais do homem, seja individualmente ou da própria espécie. Podemos simular através da tecnologia existente as condições ideais que nos levarão ao limite, mas isso não significa que depois o atinjamos ou que essas simulações não possam ser afinadas no futuro. Provavelmente, com a tecnologia dos anos 50 inferíamos determinados limites que, posteriormente, a realidade veio desmentir. Os métodos e meios de treino alteram-se rapidamente, e com eles alcançam-se novas *performances*, quer dizer, novos limites. O treino é assim a condição para conhecermos a excelência humana, a *areté* grega, possuindo um valor muito para além de um simples adestramento técnico. O treino abre-nos as portas da existência humana, perguntando e buscando os seus limites.

Michel Serres ⁽¹⁵⁾, reputado filósofo francês contemporâneo, defende como ninguém os elevados valores cultural e ético do treino. Para este ilustre pensador, o treino não é um assunto menor. Bem pelo contrário, defende desassombradamente a ideia de treino, não o remetendo para o universo das coisas periféricas, mas construindo uma ideia de pessoa humana através dessa atividade, criando uma verdadeira mundividência a partir da ação de treinar.

No seu livro *Hominescência* o autor é claro sobre o que pensa acerca do treino. Escreve a certa altura: *nunca nos teríamos tornado nos homens que somos sem o treino. É ele que abre o segredo da cultura* ^(15, p. 48). Ao treino associa a capacidade criadora, uma vez que cultura é, acima de tudo, um ato de criação humana, um acrescento à natureza, como nos ensina A. Kröeber ⁽¹²⁾. A referida visão dialética entre cultura e treino revela-se claramente nesta sentença de Michel Serres. Sem dúvida que o treino emerge da cultura que, por sua vez, emerge do próprio ato de treinar.

Os animais *não se esforçam conscientemente por desenvolver [determinadas] estruturas (...), o cérebro humano atribui-nos intencionalidade e uma causa final no sentido original, mas nós somos exceção na natureza* ^(8, p. 21). Ou seja, o treino, no seu sentido mais amplo, é a chave da hominização e da humanização.

Diz ainda Michel Serres, verdadeiro manancial cristalino na defesa axiológica da exercitação, que *não posso; estou a treinar; acabo por poder. Não sei; estou a treinar; sei. Não compreendo; estou a treinar; compreendo* ^(15, p. 44).

Através do treino somos obreiros do nosso ser. O corpo é como uma escultura e ao mesmo tempo é o próprio escultor, sendo ainda o suporte material dessa obra. Treinar é mobilizar o ser que somos, quer na dimensão corporal como nas outras enunciadas por São Paulo, espiritual e anímica (de *anima*, da alma)¹¹.

Treino não é uma palavra exclusiva da linguagem desportiva. Treino é um conceito que traduz a ideia de uma repetição sistemática, racionalmente construída embora por vezes possa desenvolver-se fruto de um acaso inicial.

Imaginemos um tempo passado quando o homem se situava nos primórdios da agricultura. Deve ter experimentado o cultivo de várias plantas e/ou de técnicas agrícolas. À medida que experimentava, por repetição daquilo que porventura dava certo, ia melhorando a produção, expondo assim o segredo do êxito. Com essa repetição, essência do treino, melhorava as suas capacidades e assegurava a possibilidade de êxito, neste caso de produção agrícola, permitindo súbitos avanços qualitativos ⁽¹¹⁾ no desenvolvimento humano, ligando desta maneira o treino à própria evolução.

Sem a vivência do treino, nunca aquele homem teria atingido a excelência no cultivo de plantas. O segredo esteve naquilo que o treino permitiu alcançar. Foi pela repetição que se conseguiu aperfeiçoar o desempenho numa dada atividade. Sem ela, a execução da tarefa estaria comprometida.

O filósofo anteriormente referido alude a um pianista abstrato que confessa: *se faltou um dia às minhas escalas o meu desempenho enfraquece (...); se faltou três dias, há algumas notas que ferem os ouvidos treinados; além de uma semana, o público abandona os meus concertos* ^(15, p. 43-44). Ensaiar nada mais é do que um eufemismo de treinar. Sabemos que a palavra ensaio é mais sumptuosa do que a palavra treino. Remete-nos para o mundo da arte, da beleza da dança ou da musicalidade cénica da ópera, mas no fundo o valor lá encerrado está presente, e bem presente, no conceito de treino. Sem desvirtuar o sentido da atividade, o jogador pode ensaiar assim como o bailarino pode treinar. São duas palavras com o mesmo sentido último, que nos remetem para o superior valor do trabalho árduo. São palavras que invocam o conceito de exercício (exercício físico, exercício de responsabilidade e, quem não se lembra, dos exercícios para casa), de exercitação ou de repetição. De outro modo, é costume ouvir-se no futebol a frase “foi uma jogada ensaiada”. No futebol também se ensaia!

O Padre Romano Guardini ⁽⁹⁾, homem da teologia e da filosofia, numa obra de grande vulto escrita em língua alemã, quando aborda o tema da *areté*, não tem dúvidas em empregar as palavras treino e superação, para ilustrar este princípio tão querido à cultura grega e magnificamente teorizado no âmbito do pensamento sobre o desporto.

António Caeiro ⁽⁴⁾, filósofo português, num livro admirável acerca do pensamento grego, utiliza metáforas desportivas para ilustrar a ideia suprema da *areté*. Alude à excelência do corpo próprio relacionando-o com a sua espantosa capacidade, e à possibilidade que um corpo pleno de saúde demonstra para evidenciar determinada excelência. Tudo isto se deve ao treino. De igual modo, Eduardo Lourenço ⁽¹³⁾, talvez o mais notável pensador português da atualidade, também utiliza metáforas desportivas para ilustrar o seu superior pensamento, quando escreve que um sujeito que é campeão de uma coisa fica campeão para o resto da vida. Ser campeão não é apenas um momento, mas uma condição conquistada para toda a

¹¹ A edição da Bíblia Sagrada utilizada para compreender o pensamento de São Paulo encontra-se no ponto II das Referências Bibliográficas.

vida e mesmo para a eternidade. Ayrton Senna é um campeão, apesar de já não se encontrar entre nós. Pelé e Eusébio, um presente e o outro presente apenas pela memória, são e serão campeões e modelos míticos eternos por aquilo que realizaram nas suas vidas desportivas.

Todos aqueles que falam acerca do desporto – não confundir com muitos que falam sobre o desporto, e por isso afastados dele, vendo-o de cima e não no seu meio como invoca a palavra ‘acerca’ – sabem que quanto mais treinado está um atleta mais naturalmente executa determinada atividade ou gesto. Isso é *areté*. É excelência, é eficácia. É uma forma de superação por incorporação, ou seja, de tornar corpo uma conduta motora. Aqueles movimentos tão complexos parecem naturais para aquele corpo, fazendo parte dele.

Imaginemos uma ginasta a efetuar determinado movimento de ginástica artística. A facilidade e a naturalidade com que executa movimentos ou figuras tão complexas é uma verdadeira superação, pois a atleta intervém com segurança em cada situação. Aquele virtuosismo já está incorporado nela. Já se transcendeu, isto é, já está para além do seu património motor inicial, parecendo que os intrincados movimentos gímnicos são, afinal, parte integrante da pessoa.

Regressemos ao Padre Guardini e atentemos nas palavras do supracitado livro. Lembrem-se que o autor está a falar teológica e filosoficamente de ética e não de desporto: *esta naturalidade adquirida à força de práticas é uma característica essencial do que entendemos por autêntica virtude: a correspondente conduta ética se faz coisa natural* (9, p. 245). Continuemos com este autor. Mais adiante diz a respeito desta conduta incorporada: *para isso há que superar dificuldades, que se dão em nós mesmos e em nosso meio: por exemplo, o medo a um dano, a um perigo ou a uma oposição social* (9, p. 245).

Quem, como nós, anda no desporto sabe o alcance que estas palavras poderão ter. Sabemos que este apelo à superação, traduzível talvez incorretamente por apelo à transcendência, é um grito em busca da excelência da pessoa, pois mais do que uma aptidão motora requer a mobilização da vontade e/ou do espírito. Tudo isto porque se treina! O treino leva à virtude! Mais ainda, só pelo treino é que atingimos a virtude! É através da repetição sistemática que conseguimos imaginar e executar algo de novo. Como nos sugere Michel Serres, qual paradoxo, a repetição é criadora! Quase que nos atrevemos afirmar que só pela repetição é que conseguimos criar algo de novo no desporto. Quantas vezes Michael Jordan repetiu os gestos básicos do basquetebol até que conseguiu criar novos movimentos e ações vitoriosas? O mesmo se passa com o pianista aludido por Michel Serres e as suas triviais escalas. Sem a repetição do básico não se alcançam padrões de elevada complexidade. O treino é o caminho, talvez o único para se exercitar a criação.

Com o treino possibilitamos uma segunda criação do ser humano. Esta não é “apenas” divina. É também fruto da mobilização da vontade e do conhecimento. As leis do treino são normativas para buscar a excelência do ser, para possibilitar a sua evolução, no fim de contas para reci(e)ar, ou seja, para voltar a criar, recreando-se. Recriação e recreação, palavras com uma etimologia comum (do latim, *recreare*) que de certa forma divergem no sentido, convergem no treino, seja ele desportivo ou não.

Creiam que aquilo que é alcançado com esforço possui um valor muito maior do que aquilo que se consegue por acaso. No desporto, sem treino, não há acasos. Há tão-somente derrotas, e as piores são aquelas que aconteceram porque não houve esforço de nossa parte. Como aventa Michel Serres, *não há nada mais perigoso que o repouso*¹² (15, p. 44), seja físico, cognitivo, sensorial ou qualquer outro.

Por seu turno Aristóteles, em *Ética a Nicómaco* (2, p. 44), alvitra que *é mais difícil lutar contra o prazer do que contra o sofrimento, para usar uma frase de Heráclito, mas a virtude como a arte se preocupam sempre com o mais difícil, pois as coisas boas se tornam até melhores quando difíceis*. O treino é, então, uma chave hermenêutica para se compreender a raiz do ser humano.

A VITÓRIA DESPORTIVA

Já insinuámos que a vitória desportiva, seja uma vitória em relação a todos ou em relação a si próprio, se constitui como metáfora da vida.

A atual vida, humana ou não, é uma sequência interminável de vitórias. Quando uma espécie viva, ou de vida, perde – a evolução regista inúmeros casos – então fica sujeita ao desaparecimento. Só através de consecutivas vitórias¹³ é que essa forma viva, ou de vida, supera o tempo.

O *homo sapiens, sapiens*¹⁴ existe, resistindo a múltiplas adversidades, sendo o resultado das vitórias sobre todos os desafios que os milhões de anos foram colocando aos seus antecessores e que direcionaram a sua, nossa, evolução. Acreditamos que um dia sairá derrotado de um desafio que irá surgir. Poderá ser de ordem natural, um qualquer cataclismo, ou, ao invés, fruto de si mesmo, uma guerra generalizada ou da evolução tecnológica exacerbada. Aí sujeitar-se-á ao desígnio dos outros seres vivos: desaparecerá, pelo menos da forma como agora vamos sendo.

O treino, desportivo ou não, habilita o homem para enfrentar da melhor forma possível os desafios da existência. Se os vencer – temos vencido – continuaremos neste mundo. Se formos derrotados sairemos do cenário da vida.

A vitória desportiva acaba por ser uma metáfora da evolução da vida, obviamente com algumas diferenças, em especial no que tange à sua dimensão ética, que adiante estabeleceremos.

A noção de vitória não se reduz, portanto, ao mundo do desporto, abrindo-se à totalidade da vida humana. O treino abre-nos as portas da e à evolução, uma vez que não ficamos unicamente à mercê de mecanismos naturais. Podemos, com o treino, contribuir autonomamente para a nossa evolução. Sem o treino dificilmente atingiríamos os limites dos me-

¹² Obviamente que o autor se refere ao repouso enquanto sinónimo de preguiça, e não ao conceito de repouso utilizado no treino desportivo.

¹³ Vitória enquanto metáfora de adaptação.

¹⁴ Homem sábio, sapiente, ou seja, o homem sábio que sabe que o é, ou, por outras palavras, o homem que sabe o que sabe, e assim referenciado à sua principal qualidade, o pensamento (10).

canismos biológicos que nos são próprios, ou seja, nunca saberíamos até onde podemos ir. É com o treino, nas suas múltiplas configurações e objetivos, que atingimos um patamar de existência proporcionado pela herança biológica.

Um recorde mundial constitui-se num avanço antropológico. De que o homem é capaz! O recorde permite ir conhecendo os limites da espécie humana. Só pelo treino é que saberemos de que somos capazes.

Mas a vitória desportiva, metáfora da evolução, comporta uma dimensão que a simples vida não possui: a ética, antevista como a colocação de limites à atividade humana.

Na busca da vitória nem tudo vale. Nesta perspetiva poderá haver um decisivo afastamento da existência humana, que é metafísica, do simples viver, que é de ordem biológica. Na vida admitimos que tudo possa valer para se assegurar a vitória, a continuidade. Na existência humana não podemos pensar dessa forma. Há limites na busca dos limites. Há a ética!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que o Desporto de Alto Rendimento é aquele que se orienta pela incessante busca dos limites do ser humano, não propriamente enquanto indivíduo, mas enquanto espécie. *Até onde o ser humano pode ir*, independentemente de ser um só ou um enorme número de pessoas, constitui-se na finalidade desta forma de desporto.

Encontrámos na Filosofia, especialmente em três autores, Platão, Aristóteles e em Michel Serres, argumentos para corroborar a nossa perspetiva, como vemos em noções da Antropologia, em especial na discussão da evolução do homem, subsídios que atestam o elevado valor humano da busca dos limites.

Para a consecução do desejo desta busca, defendemos o superior sentido e valor do ato de treinar, conscientes que só através do treino é que as portas dos limites se entreabrem. Todavia, e aqui realçamos a distinção entre evolução desportiva e evolução da vida em geral, o ser humano colocou limites à própria busca dos limites, impondo regras, conferindo uma dimensão ética que a natureza não possui, pelo que a analogia entre desporto e evolução da vida é de carácter metafórico.

O ato de treinar já por si é uma conduta ética neste mundo balizado pelo prazer indolor. O homem pelo treino ultrapassou a sua inegável condição de ser vivo, do viver, para abeirar-se de uma condição sublime, de existir, radicalmente humana, que coloca limites à sua própria ação.

Este pensamento faz do desporto, que é fruto do génio humano, uma das atividades mais justas, apesar dos desvios que vamos conhecendo repetidamente, que mesmo assim não ofuscam o cintilante brilho do fogo sagrado de Olímpia.

REFERÊNCIAS

I – AUTORES

- Almeida P (1974). Um desporto para todos. *Livre: Portugal (desportivo) e o futuro*, 36-37 (núm esp).
- Aristóteles (ed. 2002). *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Editora Martin Claret.
- Aristóteles (ed. 1998). *Política* [edição bilingue]. Lisboa: Veja.
- Caeiro A (2002). *A areté como possibilidade extrema humana*. Lisboa: Imprensa-Nacional Casa da Moeda.
- Darwin C. (ed. 2005). A origem das espécies. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- Ferry L, Vincent J-D (2003). *O que é o Homem? Sobre os fundamentos da Biologia e da Filosofia*. Porto: Edições ASA.
- Goerttler K (1977). A posição morfológica peculiar do homem no reino animal. In Gadamer H.-G., Vogler P. (orgs.). *Nova Antropologia, Vol. II. Antropologia Biológica II*. São Paulo: EDUSP, 165-198.
- Gould SJ (2000). A transmutação da Lei de Boyle para a revolução de Darwin. In Fabian AC (org.) *A evolução: a sociedade, a ciência e o universo*. Lisboa: Terramar, 11-37.
- Guardini R (1999). *Ética: lecciones en la Universidad de Múnich*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.
- Harris M (1993). Introducción a la antropología general. Madrid: Alianza Editorial.
- Klima B (2000). *O período do Homo Sapiens Sapiens aos primórdios da produção de alimentos. História da Humanidade, Vol. 1. A pré-história e o início da civilização*. Lisboa: Verbo Editora, 186-195.
- Kröeber A (1993). *A natureza da cultura*. Lisboa: Edições 70.
- Lourenço E (2014). Infante D. Henrique. In Santos J. C. (coord.). *21 personalidades dos séculos XX-XXI escolhem as 21 personalidades portuguesas do milénio*. Porto: Modos de Ler, 62-65.
- Platão (ed. 1990). *República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Serres M (2004). *Hominescência*. Lisboa: Instituto Piaget.

II – OUTROS DOCUMENTOS

- Bíblia Sagrada (ed. 2001). Petrópolis: Editora Vozes (autorizada pelo Arcebispo de São Salvador, Primaz do Brasil e Presidente do CNBB).
- Machado JP (2003). Dicionário etimológico da língua portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte.